

## ***Dom Casmurro: uma história dos subúrbios***

André Carneiro Ramos\*

**RESUMO:** Incidindo sobre as transformações urbanas do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, este artigo discute alguns aspectos do romance *Dom Casmurro* (1899), escrito por Machado de Assis, na tentativa de se levar em conta a possibilidade de o personagem Bento Santiago tê-lo escrito como um prelúdio para algo de maior volume a ser desenvolvido mais tarde por ele mesmo: “a história dos subúrbios”. Refletiremos como sua narrativa não seria apenas um bom “prefácio”, ou melhor, um excelente exercício de escrita não contendo apenas “casmurrices”, mas se configurando como um fiel esboço de algumas das principais situações histórico-sociais ocorridas no Brasil novecentista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis; Rio de Janeiro; Subúrbio.

**ABSTRACT:** Focusing on the urban transformation of Rio de Janeiro in the second half of the nineteenth century, this article discusses some aspects of the novel *Dom Casmurro* (1899), written by Machado de Assis, in an attempt to take into account the possibility of the character Bento Santiago write the as a prelude to something greater volume to be developed later by himself, “the narrative of the suburbs”. Will reflect the extent to which his story was not only a good “preface”, or rather a great writing exercise with not only “casmurrices” but shaping up as a faithful outline of some of the major historical and social situations that occurred in the nineteenth century Brazil.

**KEYWORDS:** Machado de Assis; Rio de Janeiro; Suburb.

E tu, cidade minha airosa e grata,  
Que ufana miras o faceiro gesto  
Nessas águas tranqüilas, namorada  
De remotos, magníficos destinos,  
Deixa que o véu dos séculos rompendo  
À minha voz ressurja a infância tua.  
Machado de Assis. *O Almada. Canto I.*

### **O “eterno no transitório”**

Este artigo propõe algumas provisórias disposições para mais uma tentativa de compreensão do romance *Dom Casmurro* (1899), de Joaquim Maria Machado de Assis, evidenciando como mote uma intuição de leitura de Charles Baudelaire. Foi o autor de *As Flores do Mal* (1857) quem, pela primeira vez, num daqueles momentos de

---

\* Professor substituto no Departamento de Letras e Comunicação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, no qual leciona Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.

esplendor em sua obra, chamou a atenção para a modernidade valendo-se, dentre outras possibilidades, da figura do *flâneur*, passando a considerá-lo não como um mero observador das multidões, mas conferindo-lhe aspectos errantes e erráticos.

Destituídos de magnetismo, ao focarem no mundano auxiliados pela atmosfera de uma espécie de queda, o observador não deveria apenas vislumbrar os fenômenos circunstanciais da grande cidade, mas seus desvarios, deles arrancando algo de infundável, “o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno no transitório”, escreve Baudelaire, questionando a “auréola” dos homens-eleitos e ativando a sensibilidade crítica daqueles que podemos chamar de “vasculhadores”:  
“Depois, alegra-me pensar que talvez algum mau poeta encontre a auréola e com ela impudentemente se adorne. Fazer alguém feliz, que prazer! e sobretudo um feliz que me fará rir! Pense no X., ou no Z.! Hein! como será engraçado!” (BAUDELAIRE, 2002, p. 333).

Se assim é aceitável, não é à toa que nos aparece num romance brasileiro de fins do século XIX um moço bom da elite tentando, a todo custo, convencer-nos de algo; mesmo com a “delatada” quase não se manifestando em defesa própria, podemos pensar que o tal moço é, mais uma vez, civilizado, e, por isso, tem razão em tudo que nos assegura; todavia, esse “tudo” que nos é dito poderia representar também um atropelo da elite, a essa altura salvaguardada pelo disfarce majestoso e incólume da civilização. Enfim, trata-se da escrita “vasculhadora” de Machado de Assis, que nos revela um argumento a ser investigado, e não meramente admitido, comungado como verdade. Reconheçamos que existe todo um arcabouço crítico a se revelar nos personagens de *Dom Casmurro*, e que poderiam ser admitidos como metonímias dos mecanismos urbanos verificados na transição do século XIX para o XX.

Evidentemente, torna-se legítimo extrair das “memórias” de Bento Santiago uma gama significativa de faiscantes provocações que levam o leitor a examinar tais acontecimentos na busca por dados que possam não apenas promover um simples entendimento, tanto da narrativa quanto do período brasileiro do Segundo Reinado, mas, também, torná-los irremediavelmente unos e abismais. Esta hipótese reiteraria que não só em *Dom Casmurro*, mas nas obras posteriores a *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o periférico passaria a ter um efeito central na obra machadiana, no

tocante à reflexão de questões políticas, econômicas e culturais imperativas na Europa oitocentista, mas que na segunda metade do século XIX passariam a, definitivamente, influenciar o Brasil, modificando estruturas sociais. Posso dizer que o cenário urbano teve um papel definidor e igualmente revelador desses contrastes e oposições de classe, como a que se evidenciou fortemente a partir de 1903 na reestruturação e alargamento das ruas no centro do Rio de Janeiro.

Dentro de todo esse contexto de transformações, dúvidas me provocam em *Dom Casmurro*. Por que Bento Santiago fez o movimento contrário ao esperado, não celebrando o crescimento e a inovação de sua época? Por que foi esconder-se no Engenho Novo, “subúrbio” carioca? E ainda, mais especificamente em relação à Capitu: seria ela uma espécie de representante dos mecanismos urbanos da República, tornando mais indistinta uma relação entre contexto de época e narrativa machadiana?

Nesse ponto, verifico o “eterno no transitório” de Baudelaire.

Explico: no enigma machadiano em questão, alguns elementos, a meu ver, merecem destaque. Não só as memórias e acusações, ambas transitórias; não apenas o pequeno universo de Bentinho/Bento Santiago/Dom Casmurro, aclarado em atitudes transitórias; não unicamente os objetos de uma casa, e ela própria reconstruída em outro lugar, em transição, um *topos* em transe, e cuja simbólica migração para o subúrbio representaria um algo mais, no que tentarei refletir; mas também, e, mormente, a própria escrita como algo transitório. Escolhi essa designação baudelaireana como cifra para descrever um estado de constante imbricamento e/ou variação da caligrafia machadiana, mas poderia também ter selecionado o termo plagiário: escritor plagiário, obra plagiária, em constante evolução; Machado de Assis como um artista que se valeu de recursos acumulados por toda uma tradição literária hegemônica, e que os rearticulou, comprometido com o entendimento do que acontecia em seu presente periférico. No trânsito de tal atitude, artisticamente e em igual configuração, refletiria um tom legitimamente “eterno”. Nessa alternativa, coaduna-se a lição de Silvano Santiago, que afirmou:

Tanto em Portugal, quanto no Brasil, no século XIX, a riqueza e o interesse da literatura não vêm tanto de uma originalidade do modelo, do arcabouço abstrato ou dramático do romance ou do poema, mas da transgressão que se

cria a partir de um novo uso do modelo pedido de empréstimo à cultura dominante (SANTIAGO, 2000, p. 56).

Penso aqui em eterno como algo detentor de uma matriz temporal/filosófica aliada à arte, claro, mas num contexto que também se referiria a questões mundanas (como a arte, ciclicamente). E uma ideia de centro/periferia, ou urbano/suburbano, passaria a funcionar como um catalisador de todas essas questões. Não podemos nunca deixar de pensar que muita arte se produziu (e se produz) sob o efeito de condições periféricas.

### **A cidade e sua linhagem**

Não me esqueço de uma passagem dos *Pequenos Poemas em Prosa* (1869), de Charles Baudelaire, em que nos sentimos tragados para um novo retrato parisiense cuja cena revela o advento dos bulevares e o moderno alargamento do centro da cidade, transformação que logo se espalharia para lugares que almejassem do mesmo modo uma aura civilizatória. É curioso como todo esse advento se funda não só a partir de uma nova topografia das ruas e calçadas, mas também por seus frequentadores:

Na calçada, diante de nós, víamos plantado um pobre homem dos seus quarenta anos, de ar fatigado, barba meio grisalha, que segurava por uma das mãos um menino e trazia no outro braço um pequenino ser ainda muito frágil, incapaz de caminhar. Servindo de ama, fazia os filhos respirarem o ar da noite. Todos em trapos. Eram três fisionomias extraordinariamente sérias, e seis olhos que contemplavam o novo café com admiração igual, mas diversamente colorida pela idade.

Os olhos do pai diziam: – “Como é belo! como é belo! Dir-se-ia que todo o ouro do pobre mundo foi transportado para estas paredes.” Os olhos do menino: – “Como é belo! como é belo! Mas é uma casa onde só podem entrar as pessoas que não são como nós.” Os olhos do menorzinho, esses, de tão fascinados, revelavam apenas uma alegria estúpida e profunda.

Dizem os cancionistas que o prazer torna a alma boa e abrandando o coração. Em relação a mim, tinham razão as canções, naquela noite. Eu não só me sentia enternecido com essa família de olhos, senão também um pouco envergonhado de nossos copos e nossas garrafas, maiores que a nossa sede. Voltava os meus olhares para os seus, querido amor, neles procurando ler o meu pensamento; mergulhava nos seus olhos tão belos e tão estranhamente doces, nos seus olhos verdes, habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse:

– Que gente insuportável aquela, com uns olhos escancarados como portas-cocheiras! Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui? (BAUDELAIRE, 2002, p. 308-9).

Nesse fragmento, é possível identificarmos o som amargo das oposições de classe. Paris, a cidade luz, erguendo-se, majestosa, por entre dois mundos outrora distantes, mas que, na agitação contemplativa de todos os olhos envolvidos, apesar das diferenças, passariam a obrigatoriamente conviver. Mas essas românticas luzes, por mais utópicas que fossem ainda sim separariam a todos, soerguendo distâncias entre os burgueses e a miséria que habitava as calçadas. Na Paris de Baudelaire, tal separação já acontecia, através de uma tênue e moderna linha, cuja função sanitária da separação entre ricos e pobres tornava-se cada vez mais evidente. Tal movimento, equiparado ao Brasil de Machado de Assis, Pereira Passos<sup>1</sup> e Bento Santiago, adquire um tónus de “aparelhamentos”<sup>2</sup> diversos, adquiridos pela cidade do Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX-XX, como se a nossa metrópole necessitasse seguir o trajeto de Berlim, Londres e Paris, especialmente a capital francesa, símbolo máximo de progresso e civilidade.

Mas o que isto tem a dizer? Para tentar compreender um pouco melhor o que seriam esses “aparelhamentos”, podemos tentar refletir acerca dos elementos em comum que esse sistema possui. Basicamente como num romance, tal sistema interage

---

<sup>1</sup> Embora não disponha de espaço para desenvolver completamente a temática, aproveito para citar um relevante trecho extraído de uma pesquisa feita por mim na biblioteca do Museu Chácara do Céu, acervo que pertenceu ao Sr. Raymundo de Castro Maia. O livro em questão foi organizado e escrito por Gilberto Ferrez, e sua citação completa será mencionada na bibliografia, ao deste ensaio. Segue o texto: Ao raiar o século XX o Rio de Janeiro transformar-se-ia numa metrópole, graças a um grupo de homens de visão, prontos a sustentar a tremenda oposição que sofreriam, por revolucionarem hábitos e preconceitos enraizados há séculos. Sendo eleito para a presidência da República, Rodrigues Alves (1902-1906), escolheu auxiliares dos mais competentes e sustentou-os, nos momentos mais difíceis, de quase rebelião e tremenda oposição dos jornais e do povo, apoiando-os até o fim. Uma vez a obra terminada, todos tiveram de reconhecer que, num prazo mínimo de quatro anos, a cidade, que havia anos era atacada pela epidemia de febre amarela e peste bubônica, estava saneada; suas novas avenidas rasgadas corajosamente na massa de centenas de casas em más condições sanitárias; outras, à beira-mar, largas, amplas, arborizadas e muitas outras ruas alargadas, todas asfaltadas, sem contar um amplo e bem aparelhado cais de porto, transformaram o Rio de Janeiro por encanto. Podia-se agora mostrá-la aos estrangeiros como uma das mais formosas do mundo, onde os serviços públicos funcionavam impecavelmente. Os homens a quem o Rio de Janeiro tanto deve, foram: Francisco Pereira Passos, prefeito do Distrito Federal de 2 de janeiro de 1902 a 15 de novembro de 1906, que executou a maior parte destas obras e que, ao sair da Prefeitura, é preciso lembrar, tinha setenta anos de idade; Oswaldo Cruz, que reorganizou a Saúde Pública e tornou a cidade salubre; o engenheiro Francisco Bicalho, chefe das obras do Cais do Porto, cuja parte técnica coube aos empreiteiros G. H. Walker, Cy. Ltd., que finalmente permitiram a acostagem a todos os tipos de navios, além da conquista de grandes espaços para armazéns e largas avenidas ao longo dos mesmos; o engenheiro Paulo de Frontin, a quem coube projetar e abrir através da parte velha da cidade, demolindo 550 casas em tempo recorde, a Avenida Central, depois Rio Branco, com seus 1.800 metros de extensão e 33 de largura; o engenheiro Mário de Oliveira Roxo, encarregado da Avenida Beira-Mar e Francisco de Oliveira Pereira Passos, o construtor do Teatro Municipal. (p. 235).

<sup>2</sup> Acato como “aparelhamento” todos os expedientes de modernização que, obliquamente, cruzam a cidade, gerando transformações ora positivas, ora negativas.

com a vida urbana através de inúmeros “personagens”. Na grande maioria, as ações das pessoas, ações essas individuais, acabam interagindo com a coletividade, e de modo a influenciá-la. É interessante como tudo se organiza a partir dessas movimentações; passou-se a ver e a sentir a atitude de um resvalando na vida do outro, e desse outro na de outro, e assim por diante, como num turbilhão espiralado causador de alteradas “tramas”. Isso aponta para a importância do crescimento avassalador das cidades, suas subdivisões em relação às separações de classe, por exemplo, e no modo como o destino de milhares pode ser modificado por uma resolução “particular”.

Vale ressaltar que, mesmo dentro de toda essa “trama” aparentemente casual, perdeu-se o direito à inocência. Principalmente a partir do capitalismo. É fato que essa resolução “particular” incorporava-se (incorpora-se) a muitas outras, para desse oásis moderno afetar os destinos dos habitantes urbanos. Porém, ainda assim, podemos pensar que tudo o que nos sobrevém, seja na vida, seja na ficção, acontece por causa das calçadas, das ruas, dos passantes, bem como desse “aparelhamento” quase que “genético”, segundo Steven Johnson, das cidades:

A vida da cidade depende da interação casual entre estranhos, a qual modifica o comportamento do indivíduo: o desvio imprevisto para a loja nunca notada ou a decisão de sair de um bairro após ter encontrado o enésimo rapazinho grudado no celular. Depurar com a diversidade não incide de maneira alguma sobre o sistema global da cidade, a não ser que esse encontro consiga modificar os comportamentos. Os encontros são mais ou menos fortuitos, mas a forma mais ampla por eles criada não é de forma alguma acidental. A natureza casual das interações é essencial e se assemelha ao papel desempenhado pelas mutações genéticas na seleção natural: sem aqueles desvios improváveis, a cidade seria incapaz de crescimento e transformação (JOHNSON *apud* MORETTI, 2009, p. 873).

Esse aspecto possibilita-me seguir adiante. Sabemos o quanto é notório o elo entre Machado de Assis e a cidade do Rio de Janeiro. Em sua produção literária, tratou do espaço urbano com maestria, ressaltando, como haveria de ser, as relações pessoais e interpessoais geradas a partir da convergência dos cidadãos com a metrópole brasileira. E esses cruzamentos efetivam-se muito mais intensos quando da virada machadiana pós-Brás Cubas; vivos e profundos, geradores de atmosferas inusitadas e emblemáticas até: “Nunca pude entender uma conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta” (ASSIS, 1997, p. 605). Neste exemplo, não podemos

deixar de avaliar que o furtivo encontro entre os personagens Conceição e Nogueira só foi possível porque o jovem ausentara-se de Mangaratiba, a estudar para os preparatórios.

Ao que se percebe, tal atmosfera seria quase que inconcebível no campo. A metrópole, com suas nuances não confiáveis, alicia ao mesmo tempo em que alimenta a narrativa com dados inesperados, que os personagens desvendam por acaso. Nos romances de Joaquim Manuel de Macedo as tramas nos são apresentadas a partir de manifestas divergências – como é o caso de *A Moreninha* (1844) –, em que os desencontros são sustentados até o final do livro; as histórias de Macedo incidem sob o lema do desencontro. No Machado de Assis da segunda fase, o que se percebe é o entrecruzamento de seres urbanos. Esse aspecto, que à primeira vista pode parecer trivial, segue fazendo toda diferença, ao passo que a cidade oferece ao artista uma possibilidade de expansão que ultrapassa a fruição estética e segue ao encontro do novo, da reinvenção. E nessa ocorrência, pela força do acaso, que interage no cerne da obra, a história avança não apenas evidenciando o alarido das ruas, mas torna-o quase que a centralidade da história: a rua movimentada a trama, pois que a calçada e a cidade não são meros elementos adornáveis. Eles tornam a história possível, mesmo que por vezes ela se passe inteiramente nas profundezas de uma casa.

Por exemplo, em seu penúltimo romance, *Esaú e Jacó* (1904), Machado de Assis realiza uma densa análise acerca das transformações sociais e políticas experimentadas pelo Brasil no início do século XX. A trama se constrói correlacionando a vida dos gêmeos Pedro e Paulo a alguns eventos marcantes da história do Brasil, como o início do período regencial e a proclamação da República. Todavia, sua narrativa se distancia do mero romance histórico, e é justamente com o personagem Aires que tomamos contato com a ebulição citadina vivenciada pelo Rio de Janeiro. Recorramos a um trecho em que o apogeu comercial da República é enaltecido pelo narrador:

A capital oferecia ainda aos recém-chegados um espetáculo magnífico. Vivia-se dos restos daquele deslumbramento e agitação, epopéia de ouro da cidade e do mundo, porque a impressão total é que o mundo inteiro era assim mesmo. Certo, não lhe esqueceste o nome, encilhamento, a grande quadra das empresas e companhias de toda espécie. Quem não viu aquilo não viu nada. Cascatas de idéias, de invenções, de concessões rolavam todos os dias, sonoras e vistosas para se fazerem contos de réis, centenas de contos,

milhares, milhares de milhares, milhares de milhares de milhares de milhares de contos de réis. Todos os papéis, aliás ações, saíam frescos e eternos do prelo. Eram estradas de ferro, bancos, fábricas, minas, estaleiros, navegação, edificação, exportação, importação, ensaques, empréstimos, todas as uniões, todas as regiões, tudo o que esses nomes comportam e mais o que esqueceram. Tudo andava nas ruas e praças, com estatutos, organizadores e listas (ASSIS, 1997, p. 1041-1042).

Sem dúvida, notamos o quanto o poder é afirmado e exercido como em qualquer outra grande cidade; em tal momento histórico o Rio de Janeiro se agita a ponto de, naturalmente, manifestar hierarquias e distanciamentos sociais. Mas tal passagem machadiana também revela como se podem verificar nos espaços físicos todas as relações sociais estabelecidas na sociedade, suas crenças e visões de mundo.

Desse modo, os espaços físicos se transformam, então, numa “forma de leitura” dessas relações. A título de comprovação, apresento duas conjunturas relacionadas à cidade do Rio de Janeiro, na transição dos séculos XX-XIX:

a) Ao observamos as fotografias de Marc Ferrez, realizadas nos idos de 1900 e com imagens dos bairros da Zona Sul carioca, tais como Botafogo, Glória e Flamengo, somos levados a crer que em tais espaços físicos a vida era mais “aprazível”: um belo cenário se apresentava aos olhos dos frequentadores, digno mesmo de ser caracterizado, onde inúmeras residências possuíam quintal, e muitas cultivavam belíssimos jardins, com árvores frutíferas, inclusive; e tanto pela arborização, quanto pelos bons ares vindos do oceano, como também pelas ruas largas, estes lugares obviamente passariam a ser considerados mais saudáveis para se viver do que o centro do Rio de Janeiro. Na Praça 15 de novembro, por exemplo, segundo consta, havia vários quiosques comercializando jornais, livros, flores, cigarros, bem como bolos, pães, café, doces, loterias e miudezas em geral. Eram, como se pode imaginar pela miscigenação dos produtos, totalmente anti-higiênicos<sup>3</sup>...

b) Sabe-se, porém, que numa outra vereda deste mesmo centro carioca havia a Rua do Ouvidor: a das modas e das chapelarias, a das livrarias e dos escritores, a

---

<sup>3</sup> Por curiosidade, tal informação me foi passada oralmente por um senhor que reside num dos sobrados da av. Mem de Sá, na Lapa (RJ), e que preferiu não ter o nome aqui mencionado, cujo pai era “caixeiro viajante”, ou melhor: comerciante de tecidos e miudezas em geral, e que amplamente circulou pelo centro do Rio de Janeiro de 1900 a 1910 vendendo mercadorias, inclusive muitas delas para alguns destes próprios quiosques.

dos boatos e do “frenético alarido” baudelaireano, onde homens e mulheres elegantes faziam questão de passear inteirando-se das notícias que por ali circulavam, haja vista que, por lá, encontravam-se todas as sedes dos jornais do Rio de Janeiro; com apenas oito metros de largura<sup>4</sup>, apresentava de ambos os lados cabeleireiros, modistas, restaurantes, além de charmosas lojas com vitrines repletas de mercadorias importadas e jóias, naturalmente. Apesar de toda sua estreiteza, a Ouvidor representava, para o imaginário citadino da época, a cidade ideal, moderna e cosmopolita, provocando nos passantes um efeito de verdade, a se impor até sobre a cidade “real”. A respeito de tal movimento, e dos boatos que ali surgiam, escreve Machado de Assis em uma crônica de 21 de maio de 1893:

A semana foi cheia desde os primeiros dias. Novidades de todos os tamanhos e cores. Para os que as buscam por todos os recantos da cidade, deve ter sido uma semana trapalhona; para mim, que não as procuro fora da Rua do Ouvidor, a semana foi interessante e plácida. Pode ser que erre; mas ninguém me há de ver pedir notícias em outras ruas. Às vezes perco uma novidade da Rua da Quitanda por uma invenção da Rua do Ouvidor; mas há nesta rua um cunho de boa roda, que dá mais brilho ao exato e faz parecer exato o inventado. Acresce a qualidade de pasmatório. As ruas de simples passagem não têm graça nem excitam o desejo de saber se há alguma coisa. O pasmatório obriga ao cotejo. Enquanto um grupo nos dá uma notícia, outro, ao lado, repete a notícia contrária; a gente coteja as duas e aceita uma terceira (ASSIS, 2003, p. 248-9).

Como num grande palco, ao que se percebe nos exemplos elencados, as relações hegemônicas e subalternas atuam numa íntima correspondência com os ambientes urbanos evocados. E se assim é, sabemos também que tais ambientes urbanos possuem demarcações, ou melhor, limites. Tais estigmas podem ser verificados nos comportamentos sociais de cada grupo, ao passo em que todos aqueles que comungam dos mesmos códigos culturais sabem exatamente onde começam e terminam os modelos de conduta que cada um deve promover, sempre em consonância com o espaço físico onde circulam.

---

<sup>4</sup> Por essa garganta estreita passa e repassa uma multidão agitada e descuidada (durante o dia inteiro a circulação de carros é proibida); lá pelas duas horas a onda de gente se faz mais compacta e em certos pontos grupos obstruem a passagem; a nas suas fisionomias cansadas surge de vez em quando um reflexo de alegria provocado por alguma notícia pacientemente esperada durante horas. Fonte: LECLERC, Max. *Cartas do Brasil*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942, p.49.

Nesse contexto, ainda na Europa oitocentista apareceria um curioso desdobramento dessas diferenças, ou gradações: ressurgia a noção de subúrbio<sup>5</sup>, que em sua origem latina chegou a ser mencionada nos círculos doutos do Renascimento. Mas foi durante a reforma urbana de Napoleão 3º que ela passaria a adquirir a complexidade de sentidos que a tornou um conceito amplamente discutido no mundo contemporâneo, principalmente no âmbito dos assuntos relacionados aos estudos da paisagem. Mas no século XIX, tanto em Londres, como em Paris, o subúrbio passaria a representar infelicidade, miséria, habitações degradantes, etc., já se configurando uma definitiva divergência entre centro da cidade e bairro operário, ocorrendo aí o crescimento do efeito conhecido por zonização.

Tal fato nos leva a crer que tratar da temática do subúrbio requer um entendimento tanto da cidade quanto de seus sujeitos. E no caso brasileiro, a ideia de subúrbio representaria também o antigo, de herança colonial portuguesa, e, dependendo do ângulo de observação, proporcionava à época de Machado de Assis até mesmo um tom pitoresco, que por tudo isso induzia à reflexão.

Se isto faculta ser, menciono a abertura do século XX, que ao contrário do modelo oitocentista, cresceria a ponto de também ser capaz de “mascarar” modernamente tais distanciamentos, mesmo com a noção de subúrbio mais fortemente associada à premissa de segregação espacial, afastamento de classes, etc., pois que também caminhou/caminha para além da mera divisão espacial. Assim, tais categorizações, seguindo a premissa baudelaireana já demonstrada, passariam do mesmo modo a se projetar mais fortemente no *interior dos sujeitos*, e na vivência de um *experimento privado, introspectivo, particularíssimo*, como foi o caso de Bento Santiago: na cisão de seus hábitos e atitudes entre o saudosismo do estável, conhecido, familiar, e a angústia da novidade, da instabilidade das coisas, das relações que produzem uma interioridade tão fluida como a que ele intuía, inclusive em relação à antiga residência de Matacavalos, com toda sua simbologia e objetos.

---

<sup>5</sup> A palavra “subúrbio”, em português, bem como sua correspondente francesa, *banlieue*, trazem sempre consigo um sentido pejorativo. Em português, o sufixo *sub* implica a subalternidade que as aglomerações que compõem o entorno da cidade estabelecem com ela. Em francês, *banlieue* designava o território situado num raio de uma légua (*lieue*) em torno da cidade e que estava submetido à sua jurisdição (*ban*). Mas o *ban* era também uma condenação ao exílio, à expatriação, daí o verbo banir. Fonte: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). *150 Anos de Subúrbio Carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj; EdUFF, 2010, p. 19.

### **Matriz insurrecta (e contestação)**

Tratarei dos elementos que me levaram a correlacionar este levantamento com a narração de Bento Santiago. Para tanto, retomo a indagação que fiz na primeira parte deste ensaio, e que considero imprescindível para a continuidade da reflexão proposta: Por que Bento Santiago fez o movimento contrário ao esperado, não celebrando o crescimento e a inovação de sua época? Por que foi esconder-se no Engenho Novo, “subúrbio” carioca? E ainda, mais especificamente em relação à Capitu: seria ela uma espécie de representante dos mecanismos urbanos da República, tornando mais indistinta uma relação entre contexto de época e narrativa machadiana?

Início com uma citação retirada de um interessante estudo de Ian Watt, intitulado *A Ascensão do Romance*:

Talvez as diferentes implicações das palavras “urbano” e “suburbano” indiquem melhor o contraste entre o velho estilo de vida urbano e o novo padrão social que o substituiu: uma é a ideia do Renascimento, a outra é tipicamente vitoriana. “Urbanidade” denota a polidez e a compreensão resultantes da experiência social mais ampla proporcionada pela vida cidadina; abrange o espírito de comédia que, no teatro italiano, francês ou inglês dos séculos XVI e XVII, centraliza-se na vida alegre das ruas e praças, onde as paredes das casas garantem uma privacidade meramente nominal. Por outro lado “suburbano” indica a complacência protegida e o provincialismo do protegido lar da classe média: como disse Mumford<sup>6</sup>, o subúrbio consiste numa “tentativa coletiva de viver uma vida privada”; reúne o conforto da sociedade e a segurança da privacidade pessoal; permite a realização de um ideal essencialmente feminino de tranqüila domesticidade e seletivas relações pessoais que só o romance podia retratar [...] (WATT, 2010, p. 197-8).

Esta citação sugere a possibilidade de uma noção de subúrbio adotada por Machado de Assis à sua época, quando da escrita de *Dom Casmurro* – atualmente evidenciando uma discrepância entre a procedência europeia do vocábulo em questão e a forma como o assimilamos ao longo dos anos, no que tange a um viés histórico/geográfico evidenciado no Rio de Janeiro<sup>7</sup>. E no que defenderei a seguir, é

<sup>6</sup> Aqui, nesta citação, existe a menção a uma nota de rodapé de número 38, que transcrevo a seguir: *Culture of cities* (Londres, 1945), p. 215.

<sup>7</sup> A compreensão de que o subúrbio, assim como as favelas, constitui um espaço à parte, segregado e fora da cidade, de tão naturalizada parece não ter uma história, um começo e um desenvolvimento. Os subúrbios não são considerados bairros que compõem a cidade, com especificidades e semelhanças com outros bairros populares; foram (e talvez ainda sejam) tratados como acidentes, desvios na expansão urbana planejada, como

como se tal procedimento representasse, em *Dom Casmurro*, não apenas uma reles assimilação da tradição hegemônica, mas um questionamento invocador da maturidade artística do autor.

Na verdade, toda a condenação da personagem Capitu estaria intrínseca à solidão de Bento Santiago, que no momento da organização de suas “memórias” se encontra isolado, melhor, exilado de tudo e de todos, privado do convívio com o mundo e sobrevivente do passado (ao que se nota desde o início do romance, representativo do Império e sua classe dominante). Ou seja, a preocupação em excesso com uma exatidão calculada dos fatos narrados – a “verdade”, segundo uma ótica casmurra –, especificaria, *a priori*, dois espaços determinados; em parte, a realidade de um lugar histórico, social e dominante (e a que ele, Bento, pertencia), representativa de toda uma oligarquia colonial brasileira; mas cuja segunda causa seria a mesma paisagem de onde tudo começou: a casa de sua infância/adolescência, em Mata-cavalos, que na velhice foi por escolha própria reconstruída no Engenho Novo<sup>8</sup>, “subúrbio” carioca<sup>9</sup>. Leiamos a famosa passagem do capítulo II do romance, intitulado “Do Livro”:

Vivo só, com um criado. A casa em que moro é própria; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Mata-cavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu. Construtor e pintor entenderam bem as indicações que lhes fiz: é o mesmo prédio assobradado, três janelas de frente, varanda ao fundo, as mesmas alcovas e salas. Na principal destas, a pintura do tecto e das paredes é mais ou menos igual, umas grinaldas de flores miúdas e grandes pássaros que as tomam nos bicos, de espaço a espaço. Nos quatro cantos do tecto as figuras das estações, e ao centro das paredes os medalhões de César, Augusto, Nero e Massinissa, com

---

anormalidades (onde até as normas de como construir, viver, morar eram distintas) que destoam do restante da cidade e, por essa razão, não fazem parte da história do Rio de Janeiro. Fonte: OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). *150 Anos de Subúrbio Carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010, p. 189.

<sup>8</sup> É assim chamado este lugar porque grande parte da sua superfície pertenceu aos jesuítas que, aí bem poucos anos antes de extinta a companhia, fizeram intensa e extensa lavoura de cana, e estabeleceram grande Engenho de Açúcar. Como já tivessem, desde 1575, vasta fazenda e um Engenho notável em torno da igreja de São Francisco Xavier, foi aquele chamado “Engenho Novo” para distinguir do mais antigo que passou então, a ser conhecido por “Engenho Velho”. Os terrenos do Engenho Novo e fazendas circunjacentes, estão hoje divididos em pequenas propriedades, cortados e recortados pelas ruas, praças e travessas, que regulam e comunicam o povoado já muito denso. Fonte: ROSA, Ferreira da. *Rio de Janeiro: Notícia Histórica e Descritiva da Capital do Brasil*. Rio de Janeiro: Edição do Anuário do Brasil, 1924, p. 66.

<sup>9</sup> A partir do início do século XX, esse também era o sentido difundido da palavra “subúrbio”, tanto no contexto europeu, quanto norte-americano: a *urb* era a área de vida excessivamente tumultuada e *over*; a *suburb*, a área da sofisticação. A cidade era uma espécie de prisão; o subúrbio, a liberdade.

os nomes por baixo... Não alcanço a razão de tais personagens. Quando fomos para a casa de Mata-cavalos, já estava assim decorada; vinha do decênio anterior. Naturalmente era gosto do tempo meter sabor clássico e figuras antigas em pinturas americanas. O mais é também análogo e parecido. Tenho chacinha, flores, legume, uma casuarina, um poço e lavadouro. Uso louça velha e mobília velha. Enfim, agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa (ASSIS, 1997, p. 809-810).

Mas que narrador é esse? Na verdade, somos levados a observar a desenvoltura peculiar dos narradores criados por Machado de Assis, pois que na verdade eles são três, a se distinguirem no romance em questão – Bentinho em sua fase ingênua; Bento Santiago, já homem, todavia inseguro de si; e o Dom Casmurro, velho e vencido pelo dilema do ciúme – cada um à sua maneira, instigando-nos a pensar na dúvida quanto ao adultério da Capitu, pois deles partem as vozes “civilizadas”, inclusive por simularem os vestígios de um Império outrora dominante, mas que vivo permanece nos símbolos dispersos da cultura hegemônica européia, endossados ao longo da narrativa. Caminhando na direção dessas vozes, mais especificamente na do casmurro, chegamos a vislumbrar nuances de mais de uma possibilidade de leitura.

Tal aspecto pode ser notado tanto na citação anterior, quanto na que reproduzo a seguir, e que contém um detalhe que pode passar despercebido ao leitor: inicialmente, a voz casmurra pretendia dar conta de uma suposta “História dos Subúrbios”; ao final do romance, liberta do compromisso assumido com os bustos dos líderes pintados em sua sala, ela finalmente se permitirá escrevê-la.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma “História dos Subúrbios”, menos seca que as memórias do Padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras?... (ASSIS, 1997, p. 810-811).

Ora, como me foi possível entender, tomo a parte grifada da citação para poder melhor ressaltar a provocação que esse estudo rigoroso incutiria na cabeça do narrador casmurro, que se por acaso quisesse trabalhar na tal “História dos Subúrbios” deveria

pesquisar “documentos e datas”; o curioso é que o narrador parece considerar trabalhosa a elaboração de um relato historiográfico da cidade, sendo todos os preparativos de investigação e análise<sup>10</sup> para ele muito “áridos e longos”. Mas toda essa indecisão lhe rendeu inspiração melhor. Na dúvida, e também no desânimo, diga-se, observou os medalhões pintados dos imperadores e vislumbrou outra saída:

Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo (ASSIS, 1997, p. 811).

Isso me leva a crer, de acordo com o grifo da primeira citação da página 14 deste ensaio, que a casa reconstruída no Engenho Novo – melhor: o espaço que lhe consentia a evocação de suas memórias – promoveria o citado “contraste da vida interior, que é pacata, com a exterior, que é ruidosa”. De algum jeito, sua decepção com a vida familiar, aliada ao medo provocado por uma nova configuração de cidade, que a todo o momento se tornava causticamente visceral, o tenha levado para um lugar evocativo de uma introspecção que, naquele momento, para ele era vital.

Dáí o medo da grande cidade, mais o foco no resgate de uma atmosfera antiga, que o subúrbio, naquele momento de transição histórico-cultural também reverberava, auxiliou num envenenamento ainda mais forte, no que se refere ao desgosto do narrador em relação a si mesmo e aos “acontecimentos idos e vividos”.

Explico: *Dom Casmurro* seria, por conseguinte, uma espécie de prelúdio para a obra principal que ainda não havia sido escrita; tratava-se de um bom “prefácio”, contendo não pesquisas historiográficas, mas vida! Um treino excelente, um esboço “real” da revolução urbana ocorrida na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, representado pela transcrição das variadas situações afetivas que marcaram

---

<sup>10</sup> Diante de tantas alterações de nossa topografia, o estudioso das causas cariocas fica hesitante a escolher a “História” a que vai se dedicar; será a história geológica, tão variada e rápida, acelerada pelo agente humano, armado de pá e picareta, ou será a história social deste mesmo agente, armado de códigos e de espada, na sua evolução rápida também de colono a súdito imperial e a cidadão republicano? Em suma, no Planeta Terra, o Rio de Janeiro é apenas um episódio do recuo do mar na orla atlântica, em tempos quaternários: um “movimento eustático” explicam os geólogos, um “movimento geo-político” acrescentam os historiadores-sociólogos. Fonte: CARVALHO, Delgado; EICHNER, Erich. *Cidade e Arredores do Rio de Janeiro – A Jóia do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora; Erich Eichner e Cia. Ltda., [1940?], p. 7.

a infância de Bentinho, sua adolescência, e os breves anos da tumultuosa união de Bento Santiago e Capitu.

### **Coda**

Bento Santiago acompanha a reconfiguração do espaço urbano, já que suas mudanças de residência seguem a rota de expansão dos novos subúrbios refinados. Mas ainda há uma pendência a ser ponderada. Como já vimos, quando de sua última mudança, para o Engenho Novo, subúrbio carioca, ele ergue um modelo tal qual a sua primeira casa, na Rua Mata-cavalos. É como se o tríplice “Eu” do narrador, por mais que se movesse na área da especulação, ao final de tudo ainda mantivesse a imperialidade de sua estirpe.

Em meio a esse tanto de problemas criado pela interioridade exacerbada de um homem fracassado e solitário, observamos Capitu. Num efeito insurrecto, rebela-se contra todas as impossibilidades ofertadas ao longo de sua existência, e ainda mais na oposição daquilo que considerava realmente inadmissível, ou seja, a categoria subalterna que sempre lhe foi imposta pela condição social que possuía; e também pelo fato de ser mulher:

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão (ASSIS, 1997, p. 841).

Esse comportamento insubmisso evidencia a personalidade de Capitu ao longo do romance. E de qualquer forma (com ou sem traição), tem um filho. Na verdade, herdeiro desse novo arranjo senhorial endossado/promovido pelos novos mecanismos (até mesmo urbanos) da República. Segundo Raymundo Faoro,

Machado de Assis, depois de evocar as fontes coloniais de seus heróis, de seus comerciantes, fazendeiros e proprietários, sente que, no fim do século,

suas personagens nada têm a realizar, nada mais têm a dizer. Entram em cena outros homens, os especuladores do encilhamento, os militares e os propagandistas de uma nova fé. Entram em cena na vida real, mas o escritor não os aceita: eles são filhos de outro mundo, que vai nascer. O romancista presente, para recusá-los, afastando-os à força do escárnio e do apupo, que não pertencem à roda antiga, familiar. Eles não passam, aos olhos do homem velho, de sombras da decadência, fruto da desordem dos novos tempos, intrusos sem espírito, maneiras e estilo. Desconhecem a gramática, a arte do gamão e do voltarete, grosseiros, rudes, incultos. Afinal, a melancolia do conselheiro Aires – obsedado pelo verso de Shelley (*I can give not what man call love*) – reflete uma classe que cai, sem admitir que outra lhe tome o lugar, na monótona sucessão de todas as coisas (FAORO, 2001, p. 385).

Assim, da perspectiva do narrador casmurro, podemos até mesmo acreditar que a famigerada traição *nunca ocorreu*. Foi inventada a partir da desconfiança natural que os soberanos têm de seus súditos.

Concluo que é o ato da “traição” mesmo que expõe uma nova configuração não só cultural, política, econômica, social ou “espacial” brasileira. Por isso mesmo, o naipe contestatório de a "História dos Subúrbios" acabaria por torná-lo um livro ainda mais abissal que *Dom Casmurro*.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício da A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. Trad. Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ASSIS, Machado de. **Melhores crônicas**. São Paulo: Ed. Global, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia e Prosa**. Vol. Único. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2002.
- CARVALHO, Delgado; EICHNER, Erich. **Cidade e Arredores do Rio de Janeiro – A Jóia do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora; Erich Eichner e Cia. Ltda., [1940?], p. 7.
- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio**. São Paulo: Globo, 2001.
- LECLERC, Max. **Cartas do Brasil**. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro**. Tomo I. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1874?].
- MORETTI, Franco (org.). **A Cultura do Romance**. Trad. de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

- OLIVEIRA, Márcio Piñon de; FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs.). **150 Anos de Subúrbio Carioca**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.
- ROCHA, João César de Castro Rocha (org.). **À Roda de Machado de Assis: Ficção, Crônica e Crítica**. Chapecó: Argos, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. **Uma Literatura nos Trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. **Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- WATT, Ian. **A Ascensão do Romance: Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

*Recebido em: 31 de março de 2015.*

*Aprovado em: 30 de abril de 2015.*